XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

CUIDAR OU SER CUIDADA? OS DILEMAS E OS EFEITOS DA MATERNIDADE EM UMA UNIVERSIDADE BRASILEIRA

Andreia Gaio
andreia.gaio@hotmail.com
Universidade Federal de Mato Grosso
Brasil

Silvana Maria Bitencourt
Silvana_bitencourt@yahoo.com.br
Universidade Federal de Mato Grosso
Brasil

RESUMEN

A maternidade é experienciada como um período de grandes transformações na subjetividade feminina, pois exige das mães dedicação e tempo. Entre as acadêmicas podemos perceber que estas precisam conciliar carreira e maternidade. De forma que a mulher quando mãe mesmo presente na educação superior e no mercado de trabalho, ainda se sente responsabilizada pelo cuidado dos filhos e das tarefas domésticas, muitas vezes, reproduzindo a esfera privada como um espaço "naturalmente seu". Assim, estas tendem a acumular diversas funções e consequentemente deixam de lado os cuidados com o próprio corpo. Analisando a presença de diversas alunas mães na graduação de uma universidade pública e as divergências de carga horária e atividades práticas entre os diferentes cursos da universidade, este trabalho tem como objetivo analisar as táticas que as mulheres com filhos constroem para cuidar de seus corpos. Abordando aspectos da vida acadêmica e da maternidade foram selecionados dois cursos: Medicina e Ciências Sociais. A pesquisa encontra-se em andamento e adota uma metodologia que consiste na revisão de bibliografia, questionários e entrevistas a serem realizadas com estudantes de ambos os cursos, a fim de analisar os discursos das estudantes quanto as formas utilizadas para conciliar o auto cuidado com o cuidados do(s) filho(s) e o curso de graduação. Conforme alguns resultados parciais, podemos perceber que a grande maioria das mulheres mães apresenta dificuldades em conciliar o tempo para se cuidar, muitas vezes, a necessidade de corresponder ao ideal de maternidade historicamente representado têm afetado suas subjetividades, considerando que muitas pensam em desistir dos estudos, pois não recebem apoio de seus companheiros e do Estado para ajudar no cuidado com seus filhos, logo sentem dificuldades de pensarem sobre si, pois dizem não ter tempo. Tal situação tem afetado diretamente suas identidades subjetivas.

ABSTRACT

Motherhood is experienced as a period of great transformation in female subjectivity, since it requires mothers to dedicate themselves and time. Among the academics we can see that they need to reconcile careers and maternity. So that the woman as a mother who is present in higher education and in the labor market still feels responsible for the care of her children and household chores, often reproducing the private sphere as a "naturally-yours" space. Thus, these tend to accumulate several functions and consequently leave aside the care with the own body. Analyzing the presence of several female students at the undergraduate level of a public university and the divergences of hours and practical activities between the different university courses, this work aims to analyze the tactics that women with children construct to take care of their bodies. Approaching aspects of academic life and maternity were selected two courses: Medicine and Social Sciences. The research is in progress and adopts a methodology that consists in the revision of bibliography, questionnaires and interviews to be carried out with students of both courses, in order to analyze the students' discourses about the forms used to conciliate the self care with the care of the child (ren) and the undergraduate course. According to some partial results, we can perceive that the great majority of women mothers present difficulties in reconciling the time to take care of, often the need to correspond to the ideal of maternity historically represented have affected their subjectivities, considering that many think of giving up their studies , because they do not receive the support of their companions and of the State to help in the care with their children, soon they feel difficult to think about themselves, because they say not to have time. Such a situation has directly affected their subjective identities.

Palavras chave

(maternidade, gênero, cuidado)

Keywords

(maternity, gender, care)

I. Introducción

Nas últimas décadas a crescente inserção feminina no mercado de trabalho trouxe à tona a inesgotável discussão sobre a relação entre carreira profissional e maternidade. Relação, essa que muitas mulheres, ainda precisam lidar cotidianamente.

Considerando, que a maternidade foi naturalizada como uma função exclusiva das mulheres, contudo no momento em que essas decidiram não ser designadas somente como mães, tiveram que encontrar formas de lidar com a vida profissional e a vida familiar.

Partindo de alguns estudos, podemos verificar que a mulher que é mãe mesmo presente na educação superior e no mercado de trabalho, ainda se sente responsabilizada pelo cuidado dos filhos e das tarefas domésticas. Fato que contribui para reproduzir a esfera privada como um espaço "naturalmente seu".

Assim, estas devido as inúmeras funções tendem a ficarem sobrecarregadas e consequentemente "deixam de lado" os cuidados com o próprio corpo. Para muitas, este acúmulo de atividades se inicia desde a graduação, sendo que algumas alunas já são mães quando entram na graduação e outras se tornam mães no decorrer desta fase.

Analisando que a fase de graduação é um momento que exige dedicação, tempo e disponibilidade para as aulas, estágios e desenvolvimento de trabalhos acadêmicos para congressos, simpósios e afins.

Desse modo, harmonizar essa fase com os cuidados dos filhos pode ser vivenciado com dificuldades, essas que podem gerar estresse e desgaste emocional, fazendo que o cuidado de si sejam "deixados de lado".

É possível observar na vida destas mulheres um tripé que envolve a graduação, a maternidade e o eu (somando os aspectos subjetivos da identidade).

Nesse sentido este trabalho tem como objetivo investigar as mães acadêmicas de dois cursos (Medicina e Ciências Sociais), a fim de investigar como elas lidavam com estas três esferas,

identificando as táticas utilizadas por elas para cuidarem de seus corpos em consonância com as funções maternais e profissionais.

II. Marco teórico/marco conceptual

Por muito tempo a identidade feminina esteve vinculada à maternidade, portanto as mulheres não teriam como fugir desse papel, ou seja, a maternidade era encarada como parte da natureza feminina. Portanto, a mulher deveria ser capaz de compreender naturalmente as alterações funcionais de seu corpo nas diferentes fases da gestação, sem se descuidar da beleza e da sensualidade. (SANT' ANNA, 1995).

Observando que desde a infância as mulheres eram responsabilizadas pelo cuidado de seus corpos; seu modo de apresentar-se perante a sociedade, assim como se comportar diante dos "outros". Logo, eram responsabilizadas pelas ações "dos outros" para com elas.

Da mesma forma, o corpo feminino e suas funções colocaram as mulheres em uma condição inferior à dos homens no processo cultural. O que faz com que os papéis sociais tradicionais femininos sejam impostos por seu corpo – sendo o exemplo maior a maternidade. Esta, socialmente vista como mais próxima da natureza e distante da racionalidade que ficou a cargo do sexo masculino (ORTNER, 1979).

Deste modo, a maternidade é construída na dimensão simbólica como fato biológico, e interpretada como decorrência natural do ato sexual e da gravidez refletindo as mesmas crenças que orientam as relações de gênero e os valores atribuídos a cada sexo (PORTO, 2011).

A partir da publicação de "O segundo sexo" (1949) de *Simone de Beauvoir* podemos observar que a maternidade começa a ser vista como um *constructo* social que designa o lugar da mulher na sociedade, ou seja, o ambiente da esfera privada do lar, como a mãe zelosa e responsável pelo cuidado dos filhos.

Ao alocar a mulher nesta posição, o espaço público e profissional não fazia parte de suas vidas e as restringia ao papel de ser mãe (Lucila Scavone, 2001). Portanto ao longo da história a mulher não teve espaço para participar da vida pública e principalmente ter um papel profissional que fosse além da maternidade. Assim, a inserção da mulher no mercado de trabalho formal

encontrou como barreiras principalmente uma sociedade dominada pelo sexo masculino, essa que não aceitava que o "sexo frágil" deixasse o lar e abandonasse o cuidado dos filhos.

Segundo a análise de Scavone (2001), a transição das mulheres da esfera privada para a pública pode ser compreendida em três momentos a partir da compreensão dos significados associados à maternidade.

No primeiro momento a maternidade era vista como um defeito natural (*handicap*), e a sua negação seria o caminho para desbancar a dominação masculina, buscando uma identidade que iria além daquela atribuída pela maternidade e reconhecendo as inúmeras potencialidades da mulher.
Em um segundo momento começa haver um questionamento por parte das feministas, se a maternidade seria realmente um "defeito natural" ou se um privilégio negado aos homens e que por isso geraria inveja nos mesmos. A partir de então a maternidade passa a ser considerada um poder atribuído exclusivamente ao sexo feminino, portanto nega-se o *handicap* (SCAVONE *apud* FERRAND, 1994).

O terceiro momento é visto como a desconstrução do *handicap* natural, e se observa que não é o fato biológico da reprodução que determina a posição da mulher na sociedade, mas sim as relações sociais de dominação masculina que atribuem significado a maternidade dentro da esfera privada.

É possível afirmar que um dos aspectos mais evidentes na transformação da maternidade foi o rompimento com seu determinismo biológico. É a partir deste momento que as mulheres passaram a decidir pela maternidade, ou seja, tornaram-se consciente desta escolha. Este fato abriu mais possibilidades para a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Surge, assim novos modelos de maternidade, esses que englobam: mães donas-de-casa, mães chefes-de-família, mães "produção independente", casais "igualitários" e mães estudantes e profissionais, essas que fazem parte do presente estudo.

Atualmente há um incentivo a profissionalização uma cobrança por parte dos pais e da sociedade para que as meninas estudem e invistam em uma carreira profissional, no entanto ainda permanece a expectativa em algumas famílias que um dia elas cumpram o principal papel feminino, ou seja, ser mãe.

Ao exercer a carreira profissional e cumprir este papel designado socialmente essas mulheres passam a concentrar diversas funções. E se observa que a entrada no mercado de trabalho, além de um retorno financeiro, envolve um sentimento de realização pessoal, o que pode tornar ainda mais conflituosa e difícil a opção de conciliar maternidade e carreira (BARBOSA e COUTINHO, 2007).

Em estudo realizado por Barbosa e Coutinho (2007) com duas profissionais com filhos e duas que optaram por não ter filhos observamos que os discursos dos dois grupos coincidem ao tratar a maternidade como algo "único e especial" na vida da mulher. Contudo elas caracterizam a maternidade com um velho ditado "ser mãe é padecer no paraíso" o que demonstra que mesmo a maternidade tendo extrema importância na vida das entrevistadas com filhos ela é acompanhada por um certo sofrimento.

Este envolve principalmente as preocupações com a educação, desenvolvimento e bem estar das crianças, além das tarefas acarretadas com a criação das mesmas. Outro ponto relevante é a opinião de uma das entrevistadas que não tem filhos. Segundo ela, a carreira profissional ocasionaria culpa nas mães e as fariam tentar suprir essa ausência com presentes e muita permissividade para com as crianças. Essa culpa revela mais uma vez o "sofrimento" ao qual estas mães com dupla jornada estão submetidas e os meios que elas se utilizam para aliviá-la.

Mesmo com todas as mudanças ocorridas com a inserção da mulher no mercado de trabalho ainda nos deparamos com discursos que naturalizam a maternidade como função/obrigação das mulheres. Nesse quesito uma análise da revista Pais e Filhos (Schwengber e Meyer, 2007) entre os anos de 1968 e 2004 demonstra como as mulheres eram/são educadas para ser mães. Segundo os autores, a revista posiciona as gestantes como mulheres que necessitam desenvolver competências específicas, segundo padrões definidos, para melhor conduzirem suas gestações e cumprirem com as "obrigações" relativas a essa condição. A revista reforça o estereótipo da mãe amorosa e protetora que abdica da vida pública para dedicar cuidado aos filhos e que quando gestante é a responsável por transportar e abrigar a existência de outro ser humano, portanto, deve ser cuidada e protegida como um ser sensível e frágil.

Assumir a responsabilidade de fornecer um ambiente favorável ao desenvolvimento do feto é considerado dever da mãe e direito do feto, sendo que a gestante que não oferece esse ambiente é vista como desviante, negligente ou mesmo como uma criminosa em potencial (FORNA, 1999).

Deste modo observamos que mulheres gestantes que continuam a trabalhar ou estudar até o final da gestação em muitos aspectos podem ser julgadas pela sociedade por não estarem cumprindo com seu dever materno.

Assim, observa-se que a conciliação entre carreira e maternidade ainda é vivenciada como um período bastante trabalhoso por grande parte das mães que participam ativamente do mercado de trabalho, sendo que as universitárias ainda tendem a vivenciar da mesma forma as dificuldades em lidar com esta conciliação. Logo, a maternidade recente durante a graduação exige dedicação dobrada da mulher em relação ao ser mãe e a motivação de ter uma profissão (BITENCOURT, 2011).

Essas acadêmicas, muitas vezes, não têm um companheiro para dividir as obrigações do cuidado com os filhos, e mesmo que seus parceiros participem na divisão das tarefas domésticas e no cuidado com os filhos pequenos, o papel da maternidade ainda pesa sobre elas, especialmente durante o período gestacional e amamentação (AQUINO, 2009).

Para Bianchetti (2006) o uso do tempo entre as acadêmicas e acadêmicos é pensado por meio da palavra “prazos”, uma “palavra mágica” nesse contexto. Desse ponto de vista, especialmente entre as acadêmicas que são mães o tempo se divide entre cumprir os prazos impostos pela faculdade e o cuidado com os filhos. Nesse aspecto o cuidado de si, tanto no âmbito físico quanto psicológico pode ser deixado para segundo plano. Segundo Foucault (2004), o cuidado de si abrange técnicas que permitem aos indivíduos efetuarem operações em seus próprios corpos, em suas almas, em seus pensamentos e condutas de tal modo que isto os transformem a si mesmos e os modifiquem, com a finalidade de alcançarem certo estado de perfeição ou felicidade.

Podemos considerar que essas operações englobem a prática de atividade física, alimentação saudável, lazer, cuidados de beleza e práticas de relaxamento e meditação. No entanto, a grande carga de tarefas, muitas vezes, impede que essas atividades sejam realizadas pelas mães acadêmicas

e profissionais, ocasionado doenças psicológicas como a depressão, por exemplo, e físicas, como obesidade, hipertensão e diabetes.

III. **Metodología**

A metodologia utilizada neste trabalho consistiu inicialmente na revisão de literatura, abordando autores como: Lucila Scavone, Michel Foucault, Joan Scott entre outros. Estes foram de grande importância na compreensão das relações de gênero que destinaram as mulheres a esfera privada intimamente associada à maternidade, bem quanto ao conceito de cuidado utilizado para analisar os dados coletados.

Este trabalho preza a utilização do método qualitativo com a aplicação de entrevistas semiestruturadas a partir de um roteiro previamente definido contendo 19 questões. Este roteiro conta com questões que buscam investigar os sacrifícios vividos pelas mães em *prol* da faculdade e dos filhos, como a falta de cuidados com o próprio corpo, a perda de saúde física e psicológica e o desgaste causado pelo acúmulo de funções, bem como compreender se há alguma rede de apoio gerada pela família e companheiro para essas mulheres,

Também foi realizada observação de campo de julho de 2016 a junho de 2017. A observação de campo ocorreu principalmente no curso de Medicina em horários de aulas teóricas e estágios e partiu da escuta dos discursos das alunas mães quanto aos diversos assuntos que englobam a faculdade e o cuidado com os filhos, bem como a difícil conciliação entre ambos. Vale salientar que os nomes das participantes foram mantidas em sigilo a fim de preservar suas identidades.

IV. **Análisis y discusión de datos**

Na observação de campo constatamos algumas características gerais de mães de ambos os cursos. Em relação as mães do curso de Medicina notamos que a faixa etária de entrada no curso varia entre 17 e 22 anos aproximadamente. A maioria das alunas conclui o ensino médio ou cursinhos pré-vestibulares e geralmente entram direto na universidade, portanto se trata de um grupo com perfil mais jovem se comparado aos estudantes do curso de Ciências Sociais. Curso, esse que é noturno e composto de alunas cuja a grande maioria é trabalhadora e tem um maior número de filhos quando entram no curso. No curso de Medicina todas as entrevistadas possuíam apenas um filho(a).

No curso de Ciências Sociais verificamos a presença de mulheres mais velhas, que em sua maioria trabalha e estuda concomitantemente. Em geral são mulheres que constituíram família antes de ingressar na universidade, portanto, muitas têm filhos e agora buscam a qualificação para ingressar em uma profissão. Muitas informantes salientaram que entraram no curso tardiamente por causa da maternidade e família. Uma informante especificamente frisou que a maternidade é um fator complicador para sua formação acadêmica, estando prestes a jubilar no curso ela afirma que isso se deve ao fato de que ser mãe é sua prioridade ficando a graduação para segundo plano. Outra nos revelou que desistiu do primeiro curso superior que havia iniciado por não conseguir conciliar o trabalho, a maternidade e a graduação e alguns anos depois iniciou um curso em uma área diferente do primeiro mas que é no período noturno na tentativa de harmonizar todas essas funções.

Desse modo, constatamos um grande contraste entre esses dois cursos não apenas por tratar de áreas distintas (Ciências Médicas e Humanidades). Conforme resultados, constatamos que enquanto na Medicina a maternidade é uma questão para se discutir após o fim da universidade, nas Ciências Sociais muitas mulheres priorizaram a família antes da formação profissional, muitas são até avós.

Nesse sentido, a maternidade das alunas de ambos os cursos não foi planejada. De todas as informantes apenas uma referiu ter planejado sua gestação e que mesmo assim, a escolha pela maternidade interferiu negativamente nas suas atividades acadêmicas.

No curso de Medicina os planos de residência e aperfeiçoamento na profissão continuam mesmo após o nascimento dos filhos. Contudo há alterações nesses planos, por exemplo, uma informante destacou que depois que sua filha nasceu sua prioridade é fazer residência na mesma cidade de sua família, pois depende da família para ajudar nos cuidados com a criança. Por outro lado, nas Ciências Sociais as alunas mães buscam a graduação como forma de melhorar as condições socioeconômicas, considerando que já mantém integral ou parcialmente o financeiro da família. Nos relatos das informantes deste curso atentamos que elas veem na graduação uma forma de serem vistas no mercado de trabalho como profissionais. De acordo com algumas exposições feitas, elas que não tem nenhum tipo de curso superior ou profissionalizante é tratado quase como "escravo no mercado de trabalho" e submetido as piores condições e salários. A fim de melhorar principalmente esse aspecto que apesar das adversidades a maioria delas persiste na graduação.

Sobre o cuidado do corpo as entrevistadas do curso de Ciências Sociais relataram que iam frequentemente ao médico. No entanto, constatamos nas entrevistas que os cuidados com alimentação, prática de exercícios físicos e uso de terapias para aliviar o estresse são mínimos em função da falta de tempo. A única exceção neste curso foi uma informante que parou de trabalhar para finalizar o curso e declarou que agora está tendo tempo para "cuidar de si" com a prática de atividades físicas e alimentação mais saudável principalmente. Por outro lado, as informantes do curso de Medicina nos informaram que mesmo tendo uma rotina agitada e corrida tentam manter os cuidados com o corpo, desde uma alimentação mais saudável, até a prática de exercícios físicos na academia. Esse quesito pode estar relacionado com a renda das informantes, percebemos que no curso de Ciências Sociais as mulheres têm uma renda menor que as impossibilita de por exemplo fazer academia ou ir ao salão. No curso de Medicina a renda é maior, de modo que mesmo não tendo tempo para cozinhar as informantes conseguem, por exemplo, comer fora de casa e manter uma alimentação mais saudável, pagar academia mensalmente e estabelecer uma frequência mínima por semana e ir ao salão com mais frequência.

Em relação as motivações para a construção da carreira todas se mostraram muito comprometidas, nos dois cursos pesquisados ficou claro que a construção da carreira está relacionada a obtenção e manutenção de melhores condições financeiras. Na medicina houveram também expressões que remetiam a realização de um sonho. Nas falas das entrevistadas fica claro que todas sempre quiserem fazer o curso de Medicina desde muito jovens e que os filhos são uma motivação a mais para continuar. Em um dos relatos a entrevistada afirma que uma das suas grandes motivações é poder dar a filha uma boa qualidade de vida. Além de mostrar para ela (filha) que nada impede a realização de um sonho quando se tem vontade e persistência, e mostrar para os pais que o esforço deles não foi em vão. Percebemos então que na Medicina há um envolvimento maior da parte emocional, da realização de um grande sonho de vida e orgulho dado aos pais principalmente, além da parte financeira.

Por outro lado algumas mães do curso de ciências sociais na autorreflexão sobre maternidade falaram que não teriam os filhos se pudessem atualmente escolher entre ser ou não mãe. Segundo elas, o problema "filho exige muita dedicação e tempo e isso tende a atrapalhar a construção da carreira". No curso de Medicina as entrevistadas também citaram que ser mãe exige muita dedicação e responsabilidade, no entanto em suas falas não há expressão de arrependimento de ter sido mãe durante a graduação. Umas das informantes relatou que "como tudo na vida, a maternidade é uma escolha por mais que não haja um planejamento na gestação, você escolhe se quer ou não ser mãe e que tipo de mãe você quer ser" e que a partir do momento que aceitou ser mãe nesse período descobriu uma nova forma de viver e que apesar das dificuldades não se arrepende de ter assumido essa responsabilidade. Nenhuma das informantes da Medicina demonstrou em seus relatos que teria sido melhor não ser mãe neste momento.

Talvez por serem mais jovens, terem melhores condições socioeconômicas e uma rede de apoio maior que as permite vivenciar esta fase com mais tranquilidade estas mães tem uma visão mais romântica da maternidade. O que não é percebido no curso de Ciências Sociais, onde as mães são mais velhas, a rede de apoio é menor e as dificuldades financeiras maiores. Demonstrando que a maternidade, muitas vezes, se torna um fator dificultador no crescimento acadêmico.

As informantes das Ciências Sociais relatam que renunciaram a grande parte de suas vidas por causa dos filhos, especialmente no que tange a graduação observamos que em sua maioria as entrevistadas "criaram" os filhos antes de buscar uma carreira acadêmica profissional. Isso se deve ao fato de a maioria delas precisar trabalhar para sustentar os filhos, não ter apoio da família ou companheiro ou esse apoio não ser o suficiente para possibilitar que elas estudassem durante a maternidade.

No curso de Medicina apenas uma entrevistada foi mãe antes de entrar na graduação e mesmo assim iniciou a faculdade com o filho ainda bem pequeno (dois anos). As demais engravidaram durante a graduação sendo que nenhuma gestação foi planejada. Apenas uma entrevistada é casada, no entanto, todas têm uma rede de apoio que envolve principalmente os avós maternos da criança. Nas narrativas das entrevistadas fica claro as dificuldades que encontram para conciliar a maternidade e a graduação, contudo nenhuma delas trancou o curso ou pensou em desistir. As dificuldades financeiras são menores e a maioria conta com ajuda da mãe para cuidar do filho(a).

No entanto mesmo contando com essa rede de apoio observamos as dificuldades vivenciadas para conciliar os horários da graduação com horários do colégio das crianças. Uma das entrevistas mencionou que teve uma grande discussão com uma professora pois tinha que sair às 17:30 para pegar a filha na escola e as atividades no ambulatório iam até mais tarde. Outra informante referiu que com a entrada no internato (os últimos dois anos do curso chamado de estágio obrigatório) terá que mandar o filho para a casa dos pais que fica em outro estado, em função de não haver horários estendidos nas creches e colégios (que em geral funcionam até às 17:30) e ela não ter ninguém com quem deixá-lo após a saída da escola.

No que tange a participação paterna no cuidado dos filhos, tivemos em cada curso uma informante casada com o pai da criança. Ambas relataram que seus parceiros dividem as tarefas com o zelo pelas crianças fazendo atividades escolares, levando para passear ou ao médico e cuidando das roupas e alimentação. Uma informante não tem mais filhos pequenos e nos contou que foi abandonada pelo marido com os quatro filhos pequenos e teve que cuidar de todos sozinha, só podendo iniciar a graduação depois deles crescerem. As outras informantes são solteiras. Duas

recebem auxílio com pensão e uma não tem auxílio algum do pai da criança. De modo geral em ambos os cursos em relação as mães que são solteiras percebemos a ausência dos pais na participação do cuidados com filhos. Mesmo aqueles que pagam pensão veem pouco a criança e não participam ativamente de sua vida. Tivemos ainda um caso em que o pai não mantém contato algum com a filha só contribuindo com uma pensão irrisória por ter sido obrigado por lei e esta ser descontada da folha de pagamento. Desta forma, percebemos que na grande maioria dos casos a mãe é a grande responsável pela educação e cuidado com os filhos.

Em ambos os cursos observamos que as informantes demonstram uma certa culpa por não estarem se dedicando integralmente ou suficientemente ao cuidado de seus filhos. Essa culpa fica clara quando questionamos sobre as dificuldades de conciliar a graduação com a maternidade. Todas elas relataram que tem menos tempo do que gostariam junto aos filhos e que, muitas vezes, não estão presentes em momentos em que eles necessitam, como para fazer deveres de casa ou quando adoecem. E tentam compensar essa ausência dando total atenção no tempo livre que dispõe. Uma informante afirmou que “do momento que chego em casa até o momento em que ela (filha) vai dormir minha atenção é só dela”. Na tentativa de compensar essas ausências encontramos mais um fator para o descuidado com o próprio corpo e saúde, é apenas depois dos filhos dormirem que elas vão desenvolver as atividades da faculdade ou cuidar de si de alguma forma, fazendo, muitas vezes, com que o tempo de sono dessas mulheres seja reduzido o que predispõe ainda mais o desenvolvimento de patologias relacionadas ao esgotamento físico e mental.

V. Conclusiones

Concluímos que a grande maioria das mulheres mães apresenta dificuldades em conciliar o tempo para se cuidar, muitas vezes, a necessidade de corresponder ao ideal de maternidade historicamente representado têm afetado suas subjetividades, considerando que muitas pensam em desistir dos estudos, pois não recebem apoio de seus companheiros e do Estado para ajudar no cuidado com seus filhos, logo sentem dificuldades de pensarem sobre si, pois dizem não ter tempo. Tal situação tem afetado diretamente suas subjetividades, logo constatamos traços de desigualdade de gênero referente a construção de uma carreira profissional se comparada aos pais de suas crianças. Se não há creches públicas e gratuitas para essas mães na universidade, isso comprova que a estrutura não é adequável as necessidades da família brasileira, pois há ainda muitas que desejam ter filhos, contudo a maternidade não deve e não pode ficar sobre sua total responsabilidade neste cenário de expressiva entrada das mulheres no ensino superior e no mercado de trabalho.

VI. Bibliografía

AQUINO, Estela Maria. (2009). Gênero e Ciência no Brasil: Contribuições para pensar a ação política na busca de equidade. In: HEILBORN, Maria Luiza [et al] (orgs**.). Sexualidade, Reprodução e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora FGV.

BARBOSA, Patrícia Zulato. (2007). COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Revista de psicologia clínica.** V. 19. N. 1. pp 163-185.

BEAUVOIR, Simone. (1949). **O segundo Sexo**.

BIANCHETTI, Lucídio. (2006). O desafio de escrever dissertações / teses: como incrementar a quantidade e manter a qualidade com menos tempo e menos recursos? In: Bianchetti, L.; MACHADO, Ana Maria. Netto (orgs). **A bússola do escrever**. Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2. ed. São Paulo/Florianópolis: Cortez / Editora da UFSC.

BITENCOURT, Silvana Maria**.** (2011). **Candidatas à ciência**: a compreensão da Maternidade na fase de doutorado. 344 p. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

FERRAND, M. (1994) A questão dos Direitos Reprodutivos na França. **Revista Estudos Feministas**, nº especial, Rio de Janeiro.

FORNA, Aminatta**.** (1999) **Mãe de todos os mitos**: como a sociedade modela e reprime as mães. Rio de janeiro: Ediouro.

FOUCAULT, Michel.(2004). A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: **Ética, sexualidade, política: ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense.

ORTNER, S.B. (1979) Está a Mulher para o Homem assim como a Natureza para a Cultura? En: Rosaldo MZ, Lamphere L. (orgs.). **A Mulher, a Cultura, a Sociedade.** Paz e Terra, Rio de Janeiro.

PORTO, Dora. (2011). O significado da maternidade na construção do feminino: uma crítica bioética à desigualdade de gênero. **Revista Redbioética/UNESCO.** V. 1. N. 3.

SANT' ANNA, Denise B. (1995). **Políticas do corpo**, elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade.

SCAVONE, Lucila. (2001). A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu.** V. 16. pp.137-150.